

Distribuição restrita aos

Classificação :

Gabinetes e Secretário-Geral

Distribuição :

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISAO DE INFORMAÇÃO

Publicação Jornal de Notícias Periodicidade D

Dia 5.11.79 Pág.(s) 1-5 Tendência política _____

LURDES PINTASILGO VEIO CONHECER PROJECTOS DO PORTO

«CARLOS ALBERTO» SERÁ

TEATRO NACIONAL EM 1980

Lurdes Pintasilgo está, desde ontem, no Porto. Mal chegou a Campanhã, dirigiu-se ao antigo Mercado de Fec. reira Borges e dali seguiu para a Casa do Infante (gravura) e Museu de Soares dos Reis. A criação do Teatro Nacional do Porto e do Museu de Arte Moderna foi anunciada no decorrer de uma reunião em que as carências culturais da cidade vieram a primeiro plano.

(REPORTAGEM NA PÁGINA CINCO)

Fundação Cuidar o Futuro



continua →

ENVOLVIDA NUMA ONDA DE CALOR HUMANO

LURDES PINTASILGO VEIO AO PORTO CONHECER OS PROJECTOS DA CIDADE

• «Carlos Alberto» será Teatro Nacional

A primeiro-ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo, está desde ontem no Porto para uma visita de dois dias. O seu primeiro contacto directo com a população da capital do Norte teve a marca da espontaneidade e a expressão de uma viva simpatia. Simpatia manifestada por vezes com a irreverência e até a ingenuidade do homem da rua. «Pintasilgo no poleiro, queremos nós o tempo inteiro», gritava uma pequena multidão que se apinhou à porta da Casa do Infante. Ali pôde apreciar alguns dos programas de habitação em curso. Foi uma das tónicas do programa da sua visita — a habitação, problema fulcral da cidade — sendo as outras, a cultura e a produção do sector metalomecânico.

Acompanham a primeiro-ministro, nesta deslocação ao Porto, o ministro da Habitação e Obras Públicas, eng.º Mário de Azevedo, o secretário de

Estado da Cultura, dr. Hélder Macedo; e a secretária de Estado adjunta da primeiro-ministro, dr.ª Teresa Santa Clara Gomes.

Receberam a chefe do Governo, na estação de Campanhã, o governador civil, dr. Mário Cal Brandão, o presidente da Câmara Municipal do Porto, eng.º Aureliano Velloso, o presidente da Associação Industrial Portuense, eng.º Almeida e Sousa, o delegado no Porto da Secretária de Estado da Cultura, dr. Rui Feijó, e outras entidades.

Logo após o desembarque e no estilo que lhe é peculiar, a primeiro-ministro acedeu a responder às perguntas dos jornalistas, ao mesmo tempo, sem quaisquer formalidades. Ao pedido de um comentário sobre as declarações do ministro Costa Brás a propósito do eventual abstencionismo, Maria de Lurdes Pintasilgo disse que se por desilusão com a

companha eleitoral, houver uma grande margem de abstencionismo, de tal não pode ser inculcado o Governo, acrescentando que nos seus actos públicos tem contribuído para

motivar o povo à participação no acto eleitoral.

Uma outra pergunta feita foi a de se, no caso de não sair das próximas eleições um partido ou coligação maioritários, aceitará governar até 1980. Maria de Lurdes Pintasilgo, rejeitou assentar uma resposta em «futuologia», em conjec-

turas. «O problema não é meu, mas do sr. presidente da República», disse. E acrescentou que só decide quando colocada perante uma situação concreta. O primeiro ponto do pro-

grama da visita foi a ida ao antigo mercado da fruta de Ferreira Borges, cujas obras de reconstrução serão iniciadas antes do fim do ano, como o nosso jornal anunciou no mês passado. Aquele edifício, classificado como imóvel de interesse público, será convertido num centro cultural,

mantendo a sua traça exterior e dividindo-se o interior por um teatro, salas de exposição de arte, artesanato e café-concerto. O autor do plano de renovação, arq.º Viana de Lima, explicou à primeiro-ministro e aos membros do Governo que a acompanhavam os detalhes do projecto, perante uma maquete que se encontra na Casa do Infante. A título de curiosidade referiu o facto de que em 1902, ou seja dois anos apenas após a sua construção, a Câmara da altura chegara à conclusão de que o edifício deveria ser transformado num centro cultural... o que vai acontecer 80 anos depois.

Depois da descrição, houve lugar para o «quanto» e o «quando». A estimativa do custo da obra é de 100 mil contos, e a mesma poderá ficar «arrumada» ao fim de dois anos. A Fundação Calouste Gulbenkian comparticipa com um subsídio de 20 mil contos, mas



Continua →

atribuído em parcelas sucessivas. A primeira fase dos trabalhos poderá ser morosa já que deverá ser necessário reforçar os alicerces. Para o arranque será indispensável o financiamento por parte do Governo. O primeiro-ministro declarou que da parte do Governo há o maior interesse na obra e prometeu o empenhamento de todos concordando com o parecer de que o melhor seria arrancar-se quanto antes.

Depois, visitou demoradamente uma exposição de projectos de construção de fogos, levada a cabo por associações de moradores e cooperativas, de colaboração com a Câmara Municipal. Acompanhou com explicações sobre as características dos projectos (o enquadramento urbanístico, fases em que se encontram, o número de casas a erguer em cada, a forma de obtenção dos terrenos, etc.), o vice-presidente da Câmara, arq.^o Rosado Correia. Referiu ele que a cidade carece actualmente de 54 mil fogos! Estão agrupadas em associações de moradores 11 800 famílias e 4 400 em cooperativas. O denominador comum em todos os casos ou quase em todos é a falta de financiamento, que entretanto foi solicitado. O eng.^o Mário de Azevedo vai hoje apreciar, em reunião de trabalho, todos estes casos, a fim de serem estabelecidas prioridades.

No final da visita que foi muito demorada, a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo louvou a actuação da Câmara Municipal, na sua obra de cooperação com associações de moradores e cooperativas, e afirmou ter pena por não haver verbas disponíveis para a globalidade dos projectos. «Mas para alguma coisa haverá». As prioridades serão definidas hoje.

Apesar de pouco conhecida a vinda de Lurdes Pintasilgo, pequenas multidões aglomeraram-se nos sítios por onde passou. Uma verdadeira onda de calor humano envolveu o primeiro-ministro tanto na estação de Campanhã, mal correu que ela chegara, como junto do Mercado de Ferreira Borges e sobretudo junto à Casa do Infante.

No Museu de Soares dos Reis, onde chegou cerca das 17 horas,

a eng.^a Lurdes Pintasilgo, após um informal chá que pretéxou alguns minutos de espontâneo convívio, presidiu a uma reunião com pessoas e entidades ligadas ao sector da cultura, durante a qual o dr. Hélder Macedo, secretário de Estado da Cultura, anunciou as medidas que estão a ser tomadas para a instalação do Teatro Nacional do Porto e assinou o despacho que cria o Museu Nacional de Arte Moderna do Porto.

O Teatro Nacional do Porto, que poderá estrear a sua primeira peça em Outubro de 1980, irá funcionar no Teatro Carlos Alberto, a alugar para o efeito. As negociações, bem encaminhadas, levarão à assinatura do contrato ainda este ano.

Paralelamente, já em Janeiro,

começarão, por um lado, as obras de reconstrução do palco e camarins, e por outro, o trabalho da Comissão Instaladora, a nomear dentro de dias.

Para compensar o desaparecimento desta sala de cinema, nascerá uma outra, tipo «estúdio», no edifício do Cinema Trindade.

Segundo o dr. Hélder Macedo, pensa-se que todas as obras estarão concluídas por volta de Maio, pelo que a instalação, se feita de seguida, permitirá o início da actividade no começo da temporada do próximo ano. De resto, vai, em breve, ser aberto concurso para o equipamento básico.

Tido como uma velha aspiração da cidade do Porto — há treze anos que deram os primeiros passos, lembrou Egípto Gonçalves —, o Museu Nacional de Arte Moderna foi também ontem oficialmente criado. Debaixo de muitos aplausos, o secretário de Estado da Cultura assinou o indispensável despacho, trazido de Lisboa para a Rua de D. Manuel II, com o mesmo cuidado e carinho com que se transporta e oferece um presente.

O museu, a instalar num edifício anexo ao de «Soares dos Reis» e para cuja construção já existe um projecto do arq.^o Viana de Lima, irá ser organizado por uma comissão de seis pessoas, na altura divulgada: Maria Emília Amaral Teixeira, Júlio Resende, Fernando Pernes, Aquilino Ramos Pinto Rosa, Fernando Azevedo e José Augusto França.

A primeiro-ministro, que seguiu atentamente todas as intervenções dos presentes, fez questão de sublinhar que não há nenhum contrassenso em tratar, com o mesmo empenho das carências habitacionais (com que acabara de contactar) e das culturais. Isto, porque ambas integram o grande espectro das necessidades básicas da população. «Sufocar a criação artística com a preocupação utilitarista de atender» a outras necessidades «não está no nosso horizonte. São duas pontes do mesmo processo que se condicionam mutuamente» — esclareceu a chefe do Governo, que se recusaria a considerar o momento como de pausa ou de diversão.

Apartados, portanto, eventuais entraves a um diálogo vivo e aberto, a reunião prosseguiu, com sucessivos levantamentos das dificuldades com que se debatem os vários centros de cultura portuense.

Teatro: novo regime de subsídios

No campo ainda do teatro, TEP e Seiva Trupe criticaram o actual regime de subsídios concedidos pela secretaria de Estado da Cultura e disseram da precariedade das suas instalações. Foi a altura do dr. Hélder Macedo tornar público que vai ser brevemente publicado um despacho sobre o novo regime de subsídios, cuja atribuição sairá da esfera da competência da Di-

recção. Geral dos Espectáculos, passando para a Secretaria de Estado, que nesse trabalho será apoiada por uma comissão. O documento aponta para três níveis de subsídios, um dos quais será de dois anos, e encoraja a fusão de pequenas companhias.

Por sua vez, Miguel Graça Moura traçou o panorama (negro) da música, que, segundo ele, se situa ao fundo do corredor da cultura; Júlio Resende reafirmou as carências estruturais da Escola Superior de Belas-Artes; Maria Graça de Castro, recebeu do secretário de Estado a promessa de que o «dosier» «Casa Eça Queirós» lhe está a merecer atenção; e Luís Ro-

(CONT. NA PÁGINA SEGUINTE)



PRIMEIRO-MINISTRO NO PORTO

(CONT. DA PÁG. ANTERIOR)

seira solicitou auxílio (concedido) para o desenvolvimento da biblioteca criada pela Liga de Amigos do Hospital de Santo António.

A sessão, que se prolongou por perto de três horas, possibilitou ainda o debate sobre várias concepções de política cultural, com por exemplo, Egípto Gonçalves a defender um espaço cultural aberto a todos os tipos de criações, e a eng.ª Lurdes Pintasilgo a dizer "que não há política cultural enquanto não houver uma política financiadora da cultura". Neste sentido, chamou a atenção para uma reunião que um departamento da UNESCO com aquela finalidade (financiadora) irá promover, em Lisboa, em Fevereiro próximo.

Visitas de hoje

Hoje, segundo e último dia da estadia no Porto, o primeiro-ministro, pelas 9.30 horas, visitará a fábrica metalomecânica A. Dias Ramos, seguindo-se uma reunião com representantes do sector; às 15 horas, terá lugar a

visita às obras de recuperação da zona histórica da cidade, nomeadamente o Barredo; e às 17, na Câmara Municipal, decorrerá uma reunião sobretudo virada para os problemas habitacionais.

Entretanto, o secretário de Estado da Cultura, estará, às 9.30 horas, na Casa de Ramalde; às 10.30, no Convento de S. Bento da Vitória, onde se pensa instalar o Museu da Literatura; e, ao meio-dia, tomará contacto com o curso das obras na Biblioteca

Municipal. A tarde, após a visita ao Barredo, no Museu de Soares dos Reis, tomará parte numa sessão de trabalho com a direcção deste museu e a comissão organizadora do agora criado Museu Nacional de Arte Moderna do Porto. É ainda possível que o dr. Hélder Macedo se desloque ao Palácio do Freixo.

A delegação governamental regressa a Lisboa, de comboio, pelas 10.45 de amanhã, já que foi anulada a visita ao Alto Minho.

Fundação Cuidar o Futuro

